



## **Eu E Tu Em Itamatatua: Traços De Uma Identidade Cultural <sup>1</sup>**

Rosinete de Jesus Silva Ferreira<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão  
Wesley Pereira Grijó<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás

### **Resumo**

Neste artigo, apresentamos as principais características do município de Alcântara e da comunidade negra de Itamatatua localizada no Maranhão. Reflete-se sobre a Cultura como um elemento fundamental para entender as diferenças sociais e a subjetividade humana. Destacamos a produção de cerâmica, atividade intrínseca à comunidade, como essencial na preservação das relações imaginárias e inconsistentes do povoado, por fim, propomos a percepção do contexto cultural para entender o significado da ideia de Saúde pelos moradores de Itamatatua.

### **Palavras-chave**

Itamatatua; cultura; subjetividade; saúde

### **Da formação do município de Alcântara ao contexto atual de Itamatatua**

A cidade de Alcântara foi fundada em 1648, décadas após a expulsão dos franceses do território maranhense e como reflexo da manutenção da poder português sobre as terras do norte do Brasil-colônia. Antes da fundação viveram por lá os índios Tupinambás, os franceses, que dominaram a região até 1616, e os portugueses que se instalaram construindo uma relação de poder baseado na escravidão indígena e africana. Segundo o IBGE de 2008<sup>4</sup>, Alcântara tem uma população estimada de 21.969 habitantes e grande parte vive na zona rural. Esta relação forte do Maranhão com o projeto de escravatura tem reflexos até hoje, com um número significativo de comunidades negras.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. E-mail :  
roseferreira@uol.com.br

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail:  
wgrijo@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Estimativas da população para 1º de julho de 2008 (PDF). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de agosto de 2008). Página visitada em 5 de setembro de 2008.



A escravidão nas Américas, de acordo com Gomes (1996, p.9), consumiu cerca de 15 milhões ou mais de homens que foram arrancados de suas terras. A mão-de-obra escrava foi utilizada por mais de trezentos anos, e o corpo, a alma e a energia negra estiveram presentes nas fazendas, casas e na vida dos brasileiros. O Maranhão, por exemplo, foi um dos maiores importadores de negros africanos, com uma população escrava voltada principalmente para os trabalhos domésticos e lavoura.

De acordo com pesquisas desenvolvidas pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão – CCN, naquele estado há mais de 443 comunidades negras rurais que constituem territórios étnicos originados a partir da escravidão de negros africanos. Um dos municípios que concentra grande parte dessas comunidades é Alcântara, localizado ao norte do Estado do Maranhão. Os primeiros habitantes foram os índios Tapuias e os Tupis, que sofreram as marcas das ocupações francesa e portuguesa. Nesta última, a população indígena foi bastante violentada.

Elevadas à condição de vila por volta de 1682, por meio da Companhia do Comércio do Maranhão, as fazendas existentes na região começaram a prosperar e atingiram o auge com a produção de arroz, açúcar, algodão e com a criação de gado. O início da decadência de Alcântara pode ser entendido entre 1865 e 1870, e dentre as causas mais importantes destacamos a produção açucareira de outras regiões, o deslocamento da economia para outros estados, a perda do Maranhão na exportação do algodão e por fim a libertação dos escravos.

Esta cidade de pedras e casarões parece ter sido esquecida pelo tempo e pelas transformações que a vida moderna sofreu. Ao se chegar à cidade, tem-se, em um primeiro momento, a sensação da volta ao século XVIII. Lá, a vida segue pacata, o povo é simples e grande parte da população ainda é analfabeta. Mas ao se conhecer um pouco mais desta comunidade, observa-se que a mesma ainda mantém traços de uma cultura e identidade muito próprias, que podem ser logo identificados nos olhares, nos gestos e hábitos, na fala e principalmente no cotidiano das pessoas.

Hoje o legado deste povo está inscrito no cotidiano e nas diversas manifestações culturais do país. A presença do povo negro foi e ainda é marcada pela resistência ao



chicote, ao açoite, ao trabalho árduo nas plantações e nas casas grandes, enfim, pela resistência à vida.

E esta resistência se traduz na permanência de comunidades negras, que, mesmo diante das mudanças contemporâneas, ainda mantêm traços identitários que demarcam fronteiras e territórios com características próprias. Uma dessas comunidades chama-se Itamatatiua ou Tamatatiua (água, peixe e terra) na língua indígena. Esta comunidade está localizada em Alcântara e, segundo (CHOARY 2000, p. 25-26), era uma grande aldeia habitada pelos índios Tapuitapera, que tinham uma estreita relação com os franceses antes de os portugueses chegarem.

Itamatatiua teve origem com a desagregação de uma antiga fazenda escravista pertencente à Ordem Carmelita. Esta origem diferente das muitas comunidades quilombolas do país demarca uma singularidade que, ao contrário do famoso quilombo de Palmares, não foi fundada por escravos fugidos de seus senhores, mas sim pela doação de terras para uma ordem da igreja católica, como era comum no período colonial. Por esta razão, os moradores se consideram descendentes dos antigos camponeses negros que ali moravam, daí a denominação de Terra de Preto. Outra peculiaridade que chama mais atenção é o fato de as terras pertencerem à Santa Tereza d'Ávila. Segundo contam os mais velhos que vivem na comunidade, eles são descendentes de um casal de negros que recebeu a imagem de Santa Tereza surgindo daí a expressão “Filhos da Santa” e todos têm o sobrenome DE JESUS em homenagem à santa.

Hoje mais de 80 famílias da comunidade vivem da pesca, da agricultura, da produção artesanal e do extrativismo, o que proporciona uma renda média de aproximadamente um salário mínimo para cada uma. As dificuldades de sobrevivência para a comunidade estão ligadas desigualdade social e diferenças culturais oriundas do momento da escravidão, que até hoje demarcam conseqüências para saúde, educação, acesso à qualidade de vida e lazer do povo negro.

### **As teias comunicacionais de Itamatatiua**

A vida pós-moderna, o mundo conectado instantaneamente às redes informacionais e a tecnologia da internet, ainda não estão demarcadas de forma tão expressiva em Itamatatiua, um povoado que parece viver no passado e onde as



mudanças contemporâneas têm pouco ou quase nenhum reflexo. No que tange à comunicação, Itamatatiua está vivendo atualmente uma fase de transição: da oralidade às mediações eletrônicas<sup>5</sup>. Antes, o processo comunicativo na comunidade era totalmente interpessoal, conhecimentos e tradições eram - e ainda são - transmitidos por meio da comunicação oral (contos, histórias, anedotas, lendas etc).

Diferentemente do que ocorre no mundo da comunicação globalizada, como pensou Mattelart (2000), onde os meios de comunicação têm importância fundamental nas relações pessoais dos sujeitos, em Itamatatiua, a comunicação não valoriza tanto os meios tecnológicos e ainda é face a face. Com isso queremos dizer que nessa comunidade por muito tempo totalmente ágrafa, atualmente, a oralidade e as tecnologias estão convivendo entre os sujeitos. Assim, a manutenção da cultura e da identidade negra se faz através de interações dentro da própria comunidade e dos produtos midiáticos que as pessoas têm acesso, como o rádio e, principalmente, a televisão.

No antigo contexto comunicacional, a oralidade serviu para a transmissão de manifestações culturais e religiosas, histórias, crenças e valores que ultrapassaram o tempo na memória das pessoas. A história da comunidade negra era contada pelas tradições, festas religiosas e manifestações folclóricas. Essa era a única forma de manter e continuar as informações, o que tem sido alterado com a presença dos meios eletrônicos, que, abruptamente, colocaram esta comunidade como audiência de veículos de comunicação de massa.

Por outro lado, a localização geográfica de Itamatatiua não favorece uma comunicação com os demais povoados e nem com a sede do município. Para Grijó (2008), a comunicação interpessoal ainda predomina, com isso as relações identitárias são feitas também através das interações dentro da própria comunidade.

### **Os filhos de Santa Tereza**

Na comunidade há apenas uma escola de primeiro grau, e dentre as dificuldades apresentadas citamos as precárias instalações, falta de investimento em professores e

---

<sup>5</sup> Aqui tomamos o sentido de mediações de acordo com as idéias de estudos comunicacionais latino-americanos de Jose Martin-Barbero. In: MARTIN-BARBEIRO, Jose. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.



salários atrasados. Em meio a tantos problemas, Itamatatiua vive e sobrevive até hoje enfrentando as questões de desigualdade econômica e das práticas culturais próprias das comunidades negras. Não deixamos de considerar também a pouca intervenção do poder público no que se refere à melhoria da qualidade de vida dessas populações. Por outro lado, vale destacar a atuação social das organizações não-governamentais, tais como Centro de Cultura Negra, Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, Sociedade Maranhenses de Direitos Humanos e outras que, mesmo com ações tímidas, desenvolvem atividades sócio-educativas e jurídicas, visando aumentar a auto-estima dessas pessoas.

Itamatatiua, como a maior parte das comunidades negras, destaca-se na luta pela preservação cultural. A população foi originada a partir de um casal de negros doado por Santa Tereza D'Ávila, então, conforme eles se intitulam, todos são filhos de Santa Tereza. Essa relação com o divino já produz um diferencial na comunidade. Todos fazem parte de uma grande família, pois o sobrenome que os une é “De Jesus”. Como consequência desse passado religioso, a maioria é católica com significativa sincretização de costumes, o que explica de certa forma a crença na cura de doenças através do benzimento<sup>6</sup> e das ervas<sup>7</sup>. Ser filho de Santa Tereza é por si só pertencer a um grupo de negros com características distintas, pois são descendentes de uma santa branca. Esta narrativa transmitida de geração para geração, já é considerada como autêntica dentro do grupo. Um mito incorporado e necessário para os filhos de Santa Tereza se legitimarem com tal.

A produção de cerâmica, o tambor de crioula e outros hábitos e costumes são componentes intrínsecos à cultura da comunidade e são considerados como uma manifestação de expressão e resistência que refletem as experiências da realidade de Itamatatiua. Nesse sentido, Thompson comenta que

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no futuro do pensamento e de seus procedimentos, ou (...)como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência com sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, com normas, obrigações familiares e

---

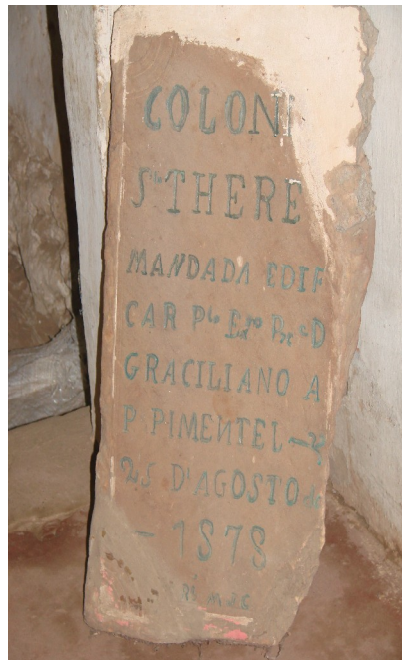
<sup>6</sup> Ato de benzer acompanhado das ervas supersticiosas

<sup>7</sup> São utilizados os mais diversos tipos de ervas e matos existentes na comunidade para cura de dor de cabeça, pressão alta, dores e todos os tipos de mazelas que possam aparecer.

de parentesco e reciprocidades, como valores ou (...) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p.189)

A crença e a certeza de serem descendentes de Santa Tereza D'Ávila faz parte do imaginário daquele povo, por habitarem terras que pertenciam à Ordem das Carmelitas expulsas do país durante a gestão do Marquês de Pombal. Esta certeza é confirmada por meio do registro de posse da terra, que está inscrito em uma pedra sob a guarda dos antigos moradores:

Foto : Patricia Azambuja



Documento que atesta legitimidade da posse da Terra

### **A cultura como fonte de subsistência**

Outra tradição presente na comunidade é a produção de cerâmica. Não sabemos ao certo quando a comunidade começou a produzir utensílios de barro. Segundo o discurso dos próprios moradores de Itamatatua, “foi uma benção da Santa no tempo dos antigos”. O que observamos é uma produção de forma comunitária e familiar organizada exclusivamente pelas mulheres que, inclusive, fundaram a Associação de Produtoras de Cerâmica de Itamatatua. A argila de Itamatatua é transportada em um pequeno caminhão; em seguida, o barro é peneirado, molhado e misturado à areia branca para ser amassado e finalmente transformar em potes, panelas, pratos, aguidares, bilhas, canecos, e jarros.



Foto: Patricia Azambuja



Um das características da cultura são as marcas cotidianas, que se traduzem nos valores, mitos, tradições, culinária, falas, comportamento e outras pistas que vão tecendo as relações identitárias. Essas relações podem ser percebidas em cada indivíduo da comunidade, pois estão latentes e visíveis no grupo através de uma certa “consciência” do lugar social, do lugar de pertencimento de cada um. Desta forma, Canclini(2005) diz que temos a ilusão de sermos sujeitos inteiramente livres, de mudar a identidade nacional, de classe e gênero, que de certa forma está facilitada pelas novas interações sociais, mas alguns aspectos particulares a nossa cultura estão interiorizados em nós que nos impedem de rompimento com as nossas raízes. Uma reflexão sobre o pensamento do autor nos faz perceber que o processo de produção de cerâmica em Itamatatua pode ser analisado pela categoria de *habitus*<sup>8</sup> utilizada por Bourdieu (1998) ou podemos entender até mesmo pelo viés da dimensão simbólica da cultura, proposta por Rodrigues (1999).

A produção e comercialização de cerâmica têm sido uma prática constituída na comunidade através da família, do processo educativo baseado nos hábitos, costumes e nas crenças, ditos e sabedoria dos mais velhos e principalmente pela interiorização das regras sociais. “Hoje nós somos conhecidos quase que mundialmente”, diz Heloisa de Jesus presidente da Associação de Mulheres Produtoras de Cerâmica de Itamatatua. As práticas de produção têm sido atualizadas e modificadas através de organização da

<sup>8</sup> De acordo com Bourdieu *habitus* é uma forma de disposição à determinada prática de grupo ou classe, ou seja, é a interiorização de estruturas objetivas ou subjetivas para resolução de problemas postos de reprodução social. Relaciona-se à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir.



associação de mulheres. “A cerâmica é uma coisa muito importante aqui (...) e isso é uma coisa que agente não quer deixar terminar(...) de primeiro agente fazia cerâmica era pisando a pé, hoje, não já tem um tratamento melhor”, comenta Ângela de Jesus integrante da Associação. O trabalho com a cerâmica vai além de uma tradição, é a base de subsistência dessas famílias.

As mulheres da Associação já conseguem perceber a importância da organização no trabalho e as consequências que este trás para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Essa forma de transmissão cultural implica participação, solidariedade e cria sociedades e identidades. A sede da Associação de Produtoras de Cerâmica serve ainda como ambiente para a transmissão das tradições locais, como as histórias, lendas e anedotas que permeiam o imaginário daquelas pessoas, principalmente das mais velhas.

Outra forma de interação bastante presente na comunidade é o tambor de crioula, brincadeira cultuada por negros descendentes de escravos. Seu Vanderley de Jesus Pereira conhecido como meste Vanderley, comenta sobre o tambor.

“O tambor é coisa de negro do grupo, aquele negro sem estudo que a mãe não botou na escola porque não teve condição. Eu toco tambor desde criança, e tudo qu eu sei e aprendi com meu pai, o mestre Salu, eu tinha anos e via papai fazendo, coloquei o tambor na cintura e fui tocando, desde então não parei mais. O tambor é festa antiga, vem dos mais velhos e a festa boa quem faz são os antigo companheiros”

O tambor de crioula torna-se uma manifestação cultuada por toda comunidade e os moradores não possuem o desejo de transformar a brincadeira em um instrumento que vise somente ao lucro e ao consumo. O tambor é identificado como um elemento simbólico comunicativo, pois se reveste de ações e expressões traduzidas em códigos lingüísticos – dança, canto e gestualidade -, portanto, a comunidade utiliza-se da própria cultura para travar um diálogo com o mundo e dizer o que sente e pensa em relação à implantação da base da aeronáutica e outras questões que os afetam.

Assim, seguindo o pensamento de Kellner (2001), concebemos que a distinção entre Cultura e Comunicação é algo arbitrário e rígido, devendo ser desconstruída, pois segundo o autor “Toda cultura, para se tornar um produto social, portanto, ‘cultura’,





serve de mediadora da comunicação e é por esta mediada, sendo, portanto comunicacional por natureza” (KELLNER, 2001 p. 53).

Eu tô vendo um lança  
Vou tirar uma toada dessa base de Alcântara  
A base de Alcântara já soltou um foguete  
Abalou Estados Unidos e até Maranhão.  
Já tem até policia federal  
Mas por aqui não melhorou em nada não

A música cantada na rodas de tambor é uma forma de manifestação contra a instalação da base da aeronáutica na região de terras quilombolas. É também uma forma de dizer que o mundo civilizado está bem perto de Itamatatua, mas que este mundo também está ainda muito distante deles. O tambor de crioula, festejos de São Benedito, a descendência com Santa Tereza D’Ávila são construções culturais e representações inconscientes que fazem parte da memória social, do cotidiano, e são elementos que contribuem para subjetividade dessa gente e ao mesmo tempo se traduzem na formação identitária da comunidade.

Kellner(2001) aponta que sociedade e cultura são terrenos de disputa e, portanto, as produções culturais nascem e produzem efeito em determinado contexto. Neste sentido, as transferências culturais e de saberes estão atreladas ao campo da comunicação, onde podemos incluir desde as grandes mídias até o processo de oralidade existente nas pequenas comunidades.

Já Morin (1997) considera necessário pensar a cultura como um sistema “que se faz comunicar uma experiência existencial e um saber constituído”. Neste sistema, o saber é registrado e codificado, assimilável apenas aos indivíduos detentores do código, ou seja, aos membros de uma cultura, como por exemplo a linguagem e o sistema dos signos e símbolos extralinguísticos. “Assim, a cultura da antropologia cultural engloba todo o saber, todo o campo de experiência, todos os códigos, todas as normas-modelo em um sistema global oposto ao sistema institucional ou natural” (MORIN,1977 p. 78-79).



## **Um olhar sobre a identidade**

Segundo Canclini (2005), uma das formas de construção das identidades é através de processos interétnicos e internacionais, entre fluxos produzidos pelas tecnologias e as corporações multinacionais, repertórios de imagens e informação. Hoje, pensamos em ser sujeito não só a partir da cultura em que nascemos mas também de uma enorme variedade de ofertas que nos são postas tais como símbolos, modelos de comportamento e modos diferenciados de vida, que estão dispostos nos meios de comunicação. Essa grande oferta tecnológica, imagética, midiática, cultural e de consumo que temos vivido nos dias de hoje, nos faz repensar o conceito de sujeito e subjetividade no qual estamos envolvidos. Na relação do sujeito consigo mesmo e com o meio, na relação dialética e de constituição do saber social e coletivo.

Com isso, a concepção de subjetividade do homem moderno ficou bastante afetada, e numa comunidade negra de certa forma isolada dos grandes centros urbanos, as contradições do mundo moderno se apresentam mais visíveis.

Itamatatua parece ainda estar distante desta vida pós-moderna. As relações sociais estão baseadas no coletivo, na cooperação e, com a instalação da energia elétrica, as imagens midiáticas começam a provocar as primeiras reações no imaginário através do consumo, alterando pequenos hábitos e costumes da comunidade. Por conta do baixo poder aquisitivo da população, cerca de 38% das famílias possuem aparelho de televisão e isso faz com que se estabeleça o hábito solidário de assistir à televisão, criando grupos para discutirem os acontecimentos veiculados, Santos (2007). A autora comenta que, por ser a comunidade remanescente de quilombos, as pessoas conseguem se identificar nos programas de TV, tais como *Escrava Isaura* (Rede Record 2005-2006) e *Sinhá Moça* (Rede Globo 2006), que remontam ao período da escravidão no Brasil.

Defendemos de antemão que a constituição das identidades e subjetividades em Itamatatua se fez a partir do patrimônio imaterial mediado pela cultura ao longo dos anos, ou seja, a partir de um processo em constante transformação. Assim, de certa forma, descartamos a concepção que coloca em lados opostos o “sujeito moderno” ao “sujeito pós-moderno”, pois na comunidade objeto deste estudo tais concepções muitas vezes se fundem, se entrelaçam, prejudicando quaisquer divisões entre as duas concepções.



Os questionamentos a se fazer neste caso específico dessa comunidade negra são os seguintes: como ser “pós-moderno” onde talvez ainda não tenha se chegado à “modernidade” ou como ser apenas “moderno” se a “pós-modernidade” já lhe regula as interações sociais? Sem lançar mão de uma resposta conclusiva é partir deles atrelamos as bases para a reflexão sobre o contexto cultural em Itamatatuiua.

Somos cientes, entretanto, de que existem nos campos epistemológicos da Cultura e da Comunicação certos consensos em relação ao estado atual dos sujeitos, que muitos dizem estar na “pós-modernidade” para diferir do “sujeito da modernidade”. Por esse pensamento, o sujeito pós-moderno é caracterizado simplesmente por termos como “descentrado”, “fluido”, “não-linear” e “opaco”. Nas Ciências Sociais, essas características se opõem às do modernismo, cuja visão clássica no pensamento ocidental vem desde a contribuição dos pensadores iluministas. Seguindo esse raciocínio, esse sujeito moderno é caracterizado por ser ‘linear’, ‘lógico’, ‘hierárquico’, e por ter ‘profundidades’.

É sob essas duas perspectivas que concebemos os sujeitos da comunidade de Itamatatuiua. Ao modernismo, verificamos a estrutura familiar ao qual referenciam, com grande respeito aos anciões, ao fator lógico atribuído às crenças locais e que pautam grande parte de suas relações, entre outras coisas. No que diz respeito a pós-modernidade, pode ser vista pela atual maleabilidade em se inserir às identidades *prêt-à-porter* Rolnik (1997), a necessidade de se incluir de todas as formas ao modo de vida externo à comunidade, etc. Por isso, anteriormente defendemos que não faríamos opção em classificá-lo como moderno ou pós-moderno, pois encontramos uma relação de simbiose dessas características nesses sujeitos.

### **A presença do rádio e da televisão na comunidade**

No que diz respeito ao campo dos mídias, a Televisão, portanto, é um veículo que favorece o contato de Itamatatuiua com novas culturas, novos hábitos e personagens midiáticos e pode ser a “janela aberta” para o início de algumas mudanças de hábitos. Esse meio de comunicação apresenta para aquelas pessoas novas formas de constituição de identidades e subjetividades, Rolnik (1997). Ao mesmo tempo em que esta mídia reúne as famílias para um momento solidário de discussão dos acontecimentos, altera



algumas tarefas diárias que passam a ser executadas no horário das telenovelas. Hábitos que envolvem refeições, aniversários, encontros dos homens para assistirem ao jogo de futebol, lazer infantil e atividades das mulheres. O aparelho ligado “garante” mais alegria ao ambiente e apresenta-se como uma nova forma de interação. Santos (2007) analisou a influência da televisão na comunidade e conseguiu perceber os reflexos que o veículo já deixa nas pessoas, principalmente os jovens. A autora comenta também, que o rádio têm uma forte presença no cotidiano e ainda é muito utilizado para ter acesso aos noticiários, música e futebol.

### **Saúde na Comunidade**

O difícil acesso às condições dignas de vida fere o conceito básico trazido pela Constituição Brasileira (1988) de que “saúde é direito de todos e dever do Estado garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos” (Seção II Saúde, Art.196). Mas o que se olha ao conhecer esta pequena vila traduz-se no texto contrário à Constituição e também da garantia dos Direitos Humanos.

A saúde, como para maioria dos cidadãos brasileiros, carece de cuidados especiais. Em Itamatatua as casas são de taipa e palha e algumas de tijolos. As pessoas ainda resistem de certa forma ao uso às drogas medicinais e ainda não praticam o que Lipovestsky (2007) denomina de medicalização do consumo. Até porque as condições econômicas da população não permitem, pois todos vivem abaixo dos indicadores sociais. Por não disporem de um posto de saúde, as pessoas ainda utilizam a sabedoria e o conhecimento dos mais velhos no tratamento com ervas caseiras e nos mais variados casos de saúde.

Cruz (1997) diz que nos contextos tradicionais, a doença pode ser causada não somente por aspectos biológicos, mas por crenças como mal olhado, possessão espiritual, inveja, ciúme dentre outros. São comuns também práticas da medicina popular (chás, ervas) e práticas espirituais (benzeduras e rezas).

Segundo Creuza de Jesus, agente de saúde da comunidade, há uma certa dificuldade para assimilar o discurso médico devido ao hábito das práticas culturais na comunidade. O médico só está disponível para atender uma vez no mês, e de acordo



com a moradora Ângela de Jesus este profissional chega às dez e vai embora às três da tarde. Talvez por este pouco contato o discurso médico não seja uma tarefa fácil de assimilação. Sair do cotidiano para um discurso já construído pelo Outro é algo que nem sempre é internalizado pelas pessoas. Creuza de Jesus, agente de saúde da comunidade diz que há uma certa dificuldade para assimilar o discurso médico devido ao hábito das práticas culturais na comunidade. Essa fala é ratificada por Dona Heloisa de Jesus que diz preferir chá de graviola com xanana para resolver problemas de pressão alta a medicamentos.

Para Ângela de Jesus, também moradora de Itamatatiua, a saúde está ligada a questões de alimentação, da poluição do rio que passa na comunidade, do sistema de fossa ainda muito utilizado, dos cuidados com os animais que vivem à solta nas ruas e quintais, da horta e da associação de mulheres responsável pela produção de cerâmica que contribui definitivamente para sustento das casas. Essa atividade segundo Ângela, vem desde os seus antepassados – bisavôs e avôs - e que hoje se traduz em um dos elementos de principal articulação para geração de renda, integração da comunidade e concepção do sentido de saúde. Portanto, a saúde tem uma relação com o cotidiano das pessoas e isso não é percebido pelos médicos que trabalham no povoado.

### **Considerações finais**

A trajetória de vida da população negra de Itamatatiua é uma consequência da situação social e econômica no qual se encontram atualmente, é produto de uma relação desigual que foi estabelecida com o poder público e com a sociedade. Nesse sentido, Andrade (2003, p.2) diz que “as transformações decorrentes do desdobramento das relações com o Outro, enquanto mundo simbólico, proporciona a restituição da relação imaginária (...)”. Essa dialética entre sujeitos permite a criação da subjetividade e do imaginário.

É, portanto, inserindo nesse diálogo com Outro que as relações imaginárias dessa comunidade se construíram. A associação da cultura para entender e interpretar o mundo é bastante visível. A vida na comunidade é vista e vivida pelas lentes que a cultura permite. Nesse sentido, pensar em saúde é perceber os modos de vida, os saberes, e os mitos nos quais estão inseridos. É compreender as diversas percepções de mundo e interpretações sobre binômio saúde-doença tendo como referencial a cultura crença e religiosidade. Nesse meio encontram-se vários atores que precisam ser



entendidos nos seus respectivos papéis. São os curandeiros, benzedeadas, as pessoas experientes mais velhas da comunidade, o trabalho desenvolvido na comunidade e por outro lado o discurso médico que disputa poder e hegemonia com as outras falas. Trata-se de pensar a saúde não como uma disputa entre o senso comum e o campo científico (incluindo aqui o campo comunicacional), mas de abrir um diálogo possível para compreender as características étnicas, a linguagem, as falas próprias da comunidade e as práticas religiosas.

A tradição oral de Itamatatua está, de certa forma, constituída em nossa subjetividade, pois, por mais peculiar que seja, ela está inserida na história do povo brasileiro. O presente estudo nos faz reviver o mito do eterno retorno ou mesmo da idéia de Diáspora Hall(2003) e reencontrarmos-nos com as falas, fragmentos de vida, registros verbais da família, parentes, lembrar contos e crenças, ditos e os não ditos dos antepassados e de certa forma reencontrarmos-nos com a nossa história, com nossa condição humana nesta relação presente-passado-futuro que é uma tríade essencial para compreensão do sentido da vida. Pensar na relação de Comunicação e Saúde pelo viés da Cultura tem-se o desafio de gerar hipóteses ou contra-hipóteses que questionem os valores já pré-concebidos e internalizados. Na verdade, o saber e conhecimento popular estão sempre em disputa com o conhecimento científico, para o equilíbrio entre os dois campos é necessário ressignificar e interpretar as narrativas, os ditos, não ditos e falas escutadas. Nosso objetivo é procurar entender os conflitos entre o campo da medicina e a sabedoria popular de Itamatatua para pensar e estabelecer mediações aliadas ao campo comunicacional.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, R. Personalidade e cultura; construções do imaginário. Editora RENAVAN Rio de Janeiro 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas interculturais**. Editora UFRJ, 2005.

CHOARY, Antônio César Costa. **Alcântara vai para o espaço: dinâmica da implantação do Centro de Lançamento de Alcântara**. São Luís. Ed.UFMA- PROIN. 2000.



CRUZ, I. C. F. da . **Identidade Negra e Saúde.** In: II Seminário Nacional a Comunidade Afrobrasileira e a Epidemia de HIV/AIDS, 1997, Rio de Janeiro-RJ. Anais ABIA, 1998, 1997. v. 1. p. 13-16.

Centro de Cultura Negra do Maranhão. <http://www.ccnma.org.br/home.html>.

CONSTITUIÇÃO, Federal.- **5 .ed atual até a EC n.56- Barueri, SP : Manole, 2008.**

GOMES, Flávio dos Santos, REIS, João José (Org) **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** Companhia das Letras. São Paulo 1996.

GRIJÓ, Wesley. **Comunicação e Cultura: a comunicação oral como instrumento de construção da Identidade Negra.** In:  
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2008/resumos/R11-0144-1>.  
Visita ao site em 08.06.2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia–estudos culturais identidade e a cultura entre o moderno e pós-moderno.** Tradução de Ivone Castilho Beneditti. Bauru São Paulo , 2001.

LIPOVESTSK. G. **A Felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiper consumo.** Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

PEREIRA, Vanderlei de Jesus. Entrevista feita na comunidade de Itamatatiua em agosto de 2007.

RODRIGUES, Adriano. **As Técnicas da Comunicação e da Informação.** Editora presença. Lisboa. 1999.

SANTOS, Sandra Acioly dos. **A Percepção como Produção de Sentido na Comunicação: a recepção televisiva na comunidade afro descendente de Itamatatiua.** Monografia Defendida no Curso de Comunicação em 30 de abril de 2007.

THOMPSON, E. **A miséria da teoria - ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro. Zahar, 1981.

DE JESUS, Ângela. Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2008 em Itamatatiua-Alcântara.

DE JESUS, Creuza. Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2008 em Itamatatiua-Alcântara.

DE JESUS, Heloísa. Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2008 em Itamatatiua-Alcântara.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.



MATTELART, Armand. **A Globalização da Comunicação**. Bauru-SP: Edusc, 2000.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ROLNIK, S. “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”. In: LINS, Daniel (org). **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**. Papirus, Campinas 1997.